


ENTRE ORQUÍDEAS E MEMÓRIAS: A TRAJETÓRIA DE JÚLIO SODRÉ E O RECONHECIMENTO DA CATTLEYA FIDELENSIS PARA SÃO FIDÉLIS/RJ

BETWEEN ORCHIDS AND MEMORIES: THE TRAJECTORY OF JÚLIO SODRÉ AND THE RECOGNITION OF CATTLEYA FIDELENSIS FOR SÃO FIDÉLIS/RJ


Clarissa Menezes de Souza Poubel

 <https://orcid.org/0000-0003-0068-3078>

Correspondência: clarissapoubel@gmail.com

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Leandro Garcia Pinho

 <https://orcid.org/0000-0002-8013-0520>

Correspondência: leandropinho@uenf.br

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Celso Gomes Maia Júnior

Correspondência: semed@saofidelis.rj.gov.br

Secretaria Municipal de Educação de São Fidélis, Rio de Janeiro, Brasil.

DOI: 10.12957/cdf.2026.94576

Recebido em: 8 out. 2025 | **Aceito em:** 22 abr. 2026

RESUMO

Este artigo tem como objetivo repensar a trajetória do encontro entre Júlio Lacourt Sodré e a orquídea atualmente denominada *Cattleya fidelensis*, espécie rara descoberta no município de São Fidélis, no estado do Rio de Janeiro, em 1940. A pesquisa de natureza qualitativa fundamenta-se nos pressupostos da história oral (Alberti, 2013) e na análise de fontes primárias (Barros, 2010), considerando a memória familiar (Bosi, 2003; Zonabend, 1991), como categoria central para compreender os vínculos entre saberes tradicionais e produção científica. A partir de entrevistas com familiares e análise de documentos, registros e objetos do acervo pessoal de Júlio Sodré, o primeiro orquidófilo a distinguir a planta em questão, busca-se evidenciar como os conhecimentos empíricos, aliados à observação atenta da natureza, podem contribuir para a valorização da biodiversidade e para a construção de narrativas locais significativas. Os resultados apontam que a *Cattleya fidelensis*, mais do que uma descoberta botânica, tornou-se símbolo de pertencimento comunitário e expressão da relação entre memória, identidade e território.

Palavras-chave: *cattleya fidelensis*; memória familiar; história oral.



ABSTRACT

This article aims to reconstruct the trajectory of the encounter between Júlio Sodré and the rare orchid species *Cattleya fidelensis*, discovered in 1940 in the municipality of São Fidélis (RJ), and to analyze its significance as a natural, cultural, and identity-based heritage. This qualitative research is grounded in the principles of oral history and the analysis of primary sources, considering family memory as a central category for understanding the connections between traditional knowledge and scientific production. Based on interviews with family members and the examination of documents, records, and objects from Júlio Sodré's personal archive, the study highlights how empirical knowledge, combined with close observation of nature, contributes to the appreciation of biodiversity and the construction of meaningful local narratives. The findings suggest that *Cattleya fidelensis*, beyond its botanical value, has become a symbol of community belonging and an expression of the relationship between memory, identity, and territory.

Keywords: *cattleya fidelensis*; family memory; oral history.

1 INTRODUÇÃO

São Fidélis é um município localizado na região norte fluminense do estado do Rio de Janeiro. Conforme o último Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), possui uma população de 38.939 (trinta e oito mil novecentos e trinta e nove) habitantes. Situa-se a uma distância aproximada de 326 (trezentos e vinte e seis) quilômetros da capital do estado, a cidade do Rio de Janeiro. Limita-se com os municípios de Cambuci, Campos dos Goytacazes, Cardoso Moreira, Italva, Itaocara, Santa Maria Madalena e São Sebastião do Alto. Abaixo está a figura do mapa do estado do Rio de Janeiro destacando o município de São Fidélis.

Foi neste município que em 1940 Júlio Lacourt Sodré (1895 – 1941) encontrou uma orquídea rara, nos dias atuais, denominada *Cattleya fidelensis*. Júlio Sodré era chefe dos Correios e Telégrafos na cidade e ainda dono do orquidário conhecido como Parque Sodrelândia. Admirador de orquídeas fazia constantes expedições as regiões propícias ao cultivo dessas plantas em São Fidélis. Durante uma de suas caminhadas, ele se deparou com uma orquídea de beleza incomum, encantado com ela, colheu um exemplar e passou a cultivá-la. Posteriormente, levou a flor a especialistas, o que possibilitou, depois de anos, sua identificação.

O reconhecimento científico da orquídea só foi possível graças à sensibilidade de Júlio Sodré em perceber o valor da planta, mesmo sem formação acadêmica para tal fato, demonstrando a importância do saber empírico e da observação atenta do ambiente. Esse

episódio demonstra como os conhecimentos tradicionais e a relação cotidiana com a natureza podem contribuir significativamente para a ciência.

Oitenta e cinco anos depois desse encontro, a *Cattleya fidelensis* continua sendo um elemento afetivo da memória familiar dos Sodré, de munícipes admiradores e colecionadores de orquídeas e aos poucos tem se tornado também da cidade de São Fidélis. Sua permanência no imaginário local transcende a dimensão botânica e se enraíza na construção simbólica, representando não apenas a riqueza do bioma regional, mas também a valorização do saber popular, da história oral e da relação respeitosa com a natureza.

Dessa forma, esse artigo tem por objetivo repensar a trajetória do encontro entre Júlio Lacourt Sodré e a orquídea *Cattleya fidelensis*, compreendendo a relevância desse feito para o município de São Fidélis. Portanto, é um estudo de natureza qualitativa, que segundo Marconi e Lakatos (2011, p.271): “é o que se desenvolve numa situação natural; é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

A base teórica da pesquisa apoia-se no conceito de “Memória”, entendida, em uma perspectiva mais ampla, como capacidade humana de conservar e reconstruir experiências passadas, individuais ou coletivas, funcionando como arcabouço da identidade, da aprendizagem e da continuidade cultural. Para a autora brasileira Ecléa Bosi (2003) a memória não é apenas um repositório de fatos passados, mas uma construção ativa, permeada por afetos, valores e significados transmitidos entre gerações.

Além disso, no contexto da memória familiar, Françoise Zonabend (1991), demonstra que a memória se manifesta nas narrativas compartilhadas dentro do núcleo doméstico, onde histórias de vida, tradições e experiências são resgatadas, reinterpretadas e preservadas como parte da identidade coletiva. Assim, a memória familiar constitui um espaço privilegiado de transmissão cultural, no qual o passado é continuamente recriado, fortalecendo os vínculos afetivos e o sentimento de pertencimento.

A partir das contribuições Bosi (2003) e Zonabend (1991), é possível compreender que a memória familiar não apenas preserva o passado, mas o ressignifica, permitindo que as narrativas sejam compartilhadas entre gerações. É nesse espaço afetivo e simbólico que o tempo é organizado, os vínculos são fortalecidos e o sentimento de pertencimento é cultivado, garantindo o enraizamento das experiências humanas.

A base metodológica desta pesquisa apoia-se no trabalho com a história oral. Conforme Alberti (2013, p. 38), esse método constitui “uma forma de recuperação do

passado conforme concebido pelos que o viveram”. Assim, o interesse desses estudos consiste em atentar-se às “narrativas que aqueles que participaram de, ou testemunharam, tal trajetória podem fornecer sobre o assunto” (ibidem). Dessa forma, a história oral se revela uma ferramenta fundamental para acessar memórias, permitindo a construção de uma narrativa histórica mais plural e sensível, especialmente no âmbito da memória familiar, onde os relatos pessoais ganham relevância como fontes legítimas de conhecimento e preservação cultural.

Para recolher elementos a partir da história oral, utilizou-se o recurso da entrevista com foco na história de vida, pois a pesquisa recai sobre a trajetória de uma pessoa específica, buscando reconstruir sua experiência ao longo do tempo. Nesta perspectiva as entrevistas buscaram principalmente: Repensar marcos da trajetória pessoal de Júlio Sodré enquanto importante orquidófilo da região; entender como as experiências de vida Júlio Sodré o entrelaçaram com a história da *Cattleya fidelensis* e discutir a ideia de que a identidade da orquídea como patrimônio local é inseparável da história pessoal de Júlio Sodré.

As entrevistas visam acessar a memória dos familiares do Júlio Sodré com vistas a obtenção de dados para a reflexão histórica do encontro da orquídea e, assim, preservar um patrimônio natural de São Fidélis. Ao resgatar essas memórias, busca-se compreender não apenas os detalhes do episódio em si, mas também o sentido simbólico que a descoberta da *Cattleya fidelensis* adquiriu ao longo do tempo para a comunidade local.

Para fins de identificação das entrevistas essas estão dispostas, ao longo do texto, com recuo à esquerda, em itálico, com fonte 11 e espaçamento simples entre as linhas. Além disso, como na descendência de Júlio Sodré temos um filho e um neto com o mesmo nome, a saber: Hélio Sodré, para fins de diferenciação o neto será identificado como Helinho Sodré, apelido que recebeu da família exatamente para diferenciá-lo de seu tio.

Além disso, esta pesquisa apoia-se na análise de fontes primárias, entendidas como documentos, registros e objetos produzidos no contexto e período dos acontecimentos estudados, os quais fornecem informações diretas e originais sobre o tema investigado (Barros, 2010). Tais fontes são essenciais para a construção do conhecimento histórico, pois permitem o contato com testemunhos autênticos, contribuindo para a compreensão mais aprofundada dos processos sociais e culturais.

No presente estudo, essas fontes integram o acervo pessoal de Júlio Sodré, composto por fotografias, anotações, livros, revistas e materiais botânicos coletados ao longo de suas expedições. Esse acervo foi inicialmente preservado por seu filho caçula,

Bernardino dos Santos Sodré, conhecido na cidade como tio Bê. Com o falecimento de Bernardino, em 2022, a guarda do acervo foi assumida por outros membros da família Sodré, que atualmente zelam por sua preservação, reconhecendo seu valor histórico, cultural e ambiental.

Esta pesquisa se justifica pela possibilidade de inserção da análise aqui realizada no debate mais amplo sobre desenvolvimento regional e valorização dos patrimônios naturais e culturais no estado do Rio de Janeiro, tendo o caso da trajetória da *Cattleya fidelensis* como foco. Conforme destaca Grand Junior (2017), os processos de construção identitária e de valorização da biodiversidade local constituem dimensões fundamentais para a compreensão das dinâmicas regionais.

Nesse sentido, reconhecer espécies endêmicas e narrativas históricas associadas aos territórios contribui para fortalecer vínculos de pertencimento e ampliar o reconhecimento social de patrimônios naturais que integram a história das comunidades locais.

2 OITENTA E CINCO ANOS DEPOIS: MEMÓRIA, CELEBRAÇÃO E CONTINUIDADE

Esta pesquisa sobre Júlio Sodré e sua relação com a orquídea *Cattleya fidelensis* inscreve-se em um campo onde memória familiar e identidade estão profundamente relacionadas. Compreender esta relação exige atenção às raízes genealógicas e afetivas que moldam a trajetória de um indivíduo. Conforme Zonabend (1991) todo sujeito está inserido em uma teia de vínculos originários, marcada pela genealogia e pelas relações afetivas primárias. Como aponta o trecho a seguir:

Antes de "se" ser, é-se "filho" ou "filha" de X ou Y: nasce-se numa "família", é-se marcado por um "nome de família" antes de ser socialmente quem quer que se seja. Desde logo, a memória original do indivíduo é feita desta inscrição numa "genealogia". Em qualquer lugar, as primeiras palavras que uma criança aprende são "papá" e "mama", palavras carregadas de sentido que designam o seu pai e a sua mãe; só depois surgem os outros vocábulos do parentesco. [...] Assim, a memória individual vai estruturar-se a partir desta experiência nativa (Zonabend, 1991, p.179).

Assim, é possível compreender que a memória não se constitui apenas como um dado pessoal, mas é produzida e moldada socialmente por meio dos vínculos afetivos, das

ARTIGO | Entre Orquídeas e Memórias: A Trajetória de Júlio Sodré e o Reconhecimento da *Cattleya Fidelensis* Para São Fidélis/RJ

narrativas compartilhadas e da transmissão intergeracional de saberes. Para a autora, a memória familiar funciona como uma estrutura simbólica que organiza o sentido de pertencimento, conectando o sujeito ao seu grupo, à sua linhagem e às suas tradições. Assim, as lembranças pessoais entrelaçam-se com os discursos coletivos, produzindo um sentimento de continuidade e identidade.

A partir dessa concepção, entende-se que o estudo sobre a trajetória de Júlio Sodré e sua relação com a *Cattleya fidelensis* ultrapassa a experiência individual de encantamento botânico e inscreve-se em um universo de significações familiares, em que o cultivo das orquídeas, as conversas entre gerações e as práticas de cuidado com a natureza integram um modo de viver que afirma a identidade familiar.

Para acessar a memória familiar e repensar a trajetória do encontro entre Júlio Sodré e a orquídea *Cattleya fidelensis*, recorreu-se ao uso de entrevistas com familiares, aliadas à pesquisa em documentos do acervo original pertencente a Júlio Sodré. Essa abordagem permitiu articular lembranças orais e registros materiais, compondo um panorama mais amplo e sensível da relação entre o sujeito, a planta e sua história de vida.

Júlio Lacourt Sodré tem descendência francesa e portuguesa tendo nascido em oito de julho de 1895, na cidade de Campos dos Goytacazes, município vizinho a São Fidélis. Mudou-se para São Fidélis onde se casou com Maria Emília dos Santos Sodré, conhecida como Nhanhá, com quem teve nove filhos. Em São Fidélis trabalhou como telegrafista na agência dos Correios e Telégrafos, tornando-se chefe da agência. Abaixo a foto de sua carteira profissional:

Foto 1 - Carteira de identificação profissional



Fonte: Acervo cedido pela família de Júlio Lacourt Sodré. (frente/verso).

Júlio Sodré destacou-se como um grande admirador da natureza, sendo reconhecido na região por sua dedicação especial ao cultivo de orquídeas. Seu interesse por essa espécie levou à criação de um importante acervo botânico instalado em sua

própria residência, onde denominou Parque Sodrelândia, que se tornou referência local pela diversidade de exemplares.

Foto 2 - Júlio Sodré em seu orquidário



Fonte: Acervo cedido pela família de Júlio Lacourt Sodré.

Existe um álbum de fotografias pertencente a Júlio Sodré, preservado por sua família, que registra parte das orquídeas de sua coleção. Essas imagens compõem um importante acervo visual, revelando o cuidado e o apreço que ele dedicava às plantas que cultivava. Apreço esse que pode ser percebido, inclusive, pelas vestimentas com que Júlio usava ao entrar em seu orquidário. Orquidófilo, e não botânico, parece que não o escapava os cuidados necessários com suas estimadas espécies, evidenciando sua preocupação com a preservação, algo que a fotografia nos revela.

Foto 3 - Álbum de fotografias de Júlio Sodré



Fonte: Acervo cedido pela família de Júlio Lacourt Sodré.

Esse álbum fotográfico reúne registros de caráter mais técnico e profissional. As fotografias evidenciam não apenas a riqueza da coleção, mas também a preocupação em documentar com precisão científica as espécies de orquídeas. A presença dessas imagens no acervo reforça o valor documental e histórico do material, resultando em registros visuais que ultrapassam a dimensão pessoal e assumem relevância patrimonial.

Além dos registros fotográficos, Júlio Sodré também mantinha anotações sistemáticas sobre suas observações botânicas, com especial atenção às orquídeas. Um de seus cadernos de campo foi preservado e nele encontram-se registros de excursões realizadas no ano de 1938, nos quais Júlio anotava, as espécies de orquídeas encontradas, os locais de ocorrência e outras observações relevantes sobre o ambiente e as condições de coleta. Esse documento revela sua metodologia de registro, evidenciando um esforço consciente de catalogação e preservação do conhecimento botânico local.

Foto 4 - Caderno de anotações de Júlio Sodré



Fonte: Acervo cedido pela família de Júlio Lacourt Sodré.

Embora, neste único caderno preservado, não contenha o registro específico do local de ocorrência da *Cattleya fidelensis*, constitui uma valiosa fonte documental sobre as práticas de observação e catalogação botânica realizadas por Júlio Sodré na primeira metade do século XX.

A existência desse caderno de anotações revela que a relação de Júlio Sodré com o estudo das orquídeas ultrapassava o simples cultivo. O registro sistemático de espécies, locais de ocorrência e observações sobre o ambiente demonstram um esforço de organização do conhecimento sobre a flora local. Segundo Silva (2013), esse tipo de prática era comum entre os observadores da natureza que, mesmo fora do meio acadêmico formal, contribuíam para a documentação e circulação de informações sobre a biodiversidade.

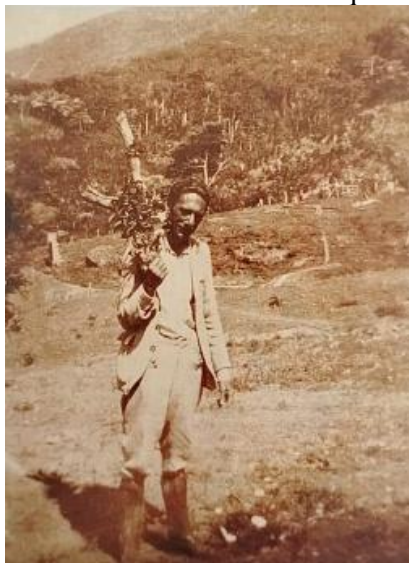
Nesse sentido, o caderno preservado constitui não apenas um documento familiar, mas também um testemunho das práticas de observação e registro que marcaram a construção do conhecimento botânico no Brasil.

Em uma de suas excursões pela região, datada de 1940, Júlio Sodré realizou o que viria a ser uma importante descoberta: uma orquídea até então não registrada nos levantamentos botânicos. O neto de Júlio, Helinho Sodré, narra o fato:

Helinho Sodré: A história que eu sei é que em 40, vovô Júlio percebeu que uma das orquídeas que ele coletou era diferente das outras, tinha uma particularidade.

Helinho Sodré relembra o encontro de seu avô com a *Cattleya fidelensis* a partir das histórias transmitidas em seu núcleo familiar, especialmente por sua mãe, Sylvia Sodré, filha de Júlio. Conforme mencionado por ele à singularidade da espécie chamou atenção de Júlio Sodré, motivando a coleta do exemplar, que passou a integrar o acervo do seu orquidário particular.

Foto 5 - Júlio Sodré com a orquídea



Fonte: Acervo cedido pela família de Júlio Lacourt Sodré.

Este registro fotográfico foi realizado por Gilberto Muylaert Tinoco, nascido em Campos dos Goytacazes, era também grande apreciador de orquídeas e como Júlio Sodré costumava fazer excursões pelas matas em busca de novas mudas. Foi em uma dessas andanças que se deu o encontro com Júlio Sodré, momento que Gilberto fez questão de

documentar por escrito. Esses registros, atualmente sob a guarda de seus familiares compõem um importante acervo pessoal. Em seus relatos, Gilberto narra:

Foto 6 - Escritos de Gilberto Muylaert Tinoco

Pela manhã, antes das despedidas, ofereci-lhe uma touceira de *Laelia crispa* e ele me presenteou uma muda da desconhecida com espata. Atendendo a meu pedido, posou para uma foto com o galho que continha a planta desconhecida. Dias depois chegamos a Campos e logo volto para o Rio.

Fonte: Acervo cedido pela família de Gilberto Muylaert Tinoco.

Diante da singularidade do exemplar encontrado, Júlio Sodré, acreditou tratar-se de uma *Laelia*, a qual ele chamou de *Laelia fidelensis* e então decidiu enviar amostras da planta a especialistas que pudessem contribuir para sua validação científica. Uma amostra foi encaminhada ao orquidário Binot, localizado em Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro. A entrevistada Leonor Sodré, relembra que a família mantinha certa relação de amizade com os membros da família Binot e que vez ou outra iam ao orquidário:

Leonor: Ele tinha um grande amigo em Petrópolis, dr. Binot. Dr. Binot tinha um orquidário. Depois que vovô morreu esse pessoal Binot se correspondia com tio Bê. O orquidário era uma coisa linda, eram cabaninhas, todas com violetas, você tomava chá, café, chocolate. [...] Era uma coisa linda. Então o amigo de vovô até morrer era o dr. Binot.

Helinho: Aí ele mandou essa orquídea para o orquidário Binot, descrevendo essa orquídea, aí Binot falou que realmente essa orquídea era muito diferente.

O *Etablissement P. M. Binot* primeiro nome do orquidário Binot, foi fundado em 1870 por Pedro Maria Binot, filho de Jean Baptiste Binot, botânico e paisagista francês que veio para o Brasil a pedido de D. Pedro II a fim de planejar, os jardins do Palácio Imperial de Petrópolis (Silva, 2013).

O dr. Binot a quem os entrevistados se reportam, não é o Pedro Maria Binot que já havia falecido quando do encontro de Júlio Sodré com a orquídea, mas sim o seu enteado e sucessor na administração do orquidário, o senhor Georges J. A. Verboonen, que no ano de 1945 deu ao *Etablissement P. M. Binot* o nome de Orquidário Binot.

O orquidário em questão, embora ainda mantenha parte da tradição iniciada por Binot, o local não conserva registros documentais ou espécies relacionadas à *Cattleya fidelensis*. Em visita realizada ao orquidário no desenvolvimento desta pesquisa, foi

possível constatar a ausência de qualquer menção à referida espécie nos arquivos físicos e no acervo botânico disponível ao público.

Outra amostra da orquídea foi enviada a Frederico Carlos Hoehne um dos mais renomados botânicos brasileiros da primeira metade do século XX e figura central no processo de institucionalização dos estudos botânicos no país. Hoehne destacou-se especialmente nos estudos de orquídeas e na organização de instituições científicas de referência, como o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, a criação do Instituto de Botânica de São Paulo e o Jardim Botânico de São Paulo. Sua vasta produção científica inclui obras fundamentais sobre a divulgação de orquídeas brasileiras, além de inúmeros artigos e descrições taxonômicas que ampliaram o conhecimento sobre a diversidade vegetal do país.

Vale registrar que, faz parte do acervo preservado de Júlio Sodré, uma das obras publicadas por Hoehne, voltada ao estudo sobre as orquídeas brasileiras.

Foto 7 - Livro sobre as Orquídeas brasileiras escrito por Hoehne



Fonte: Acervo cedido pela família de Júlio Lacourt Sodré.

A relevância de Hoehne para a botânica brasileira se deve não apenas à sua produção intelectual, mas também à sua atuação institucional e à valorização das plantas nativas, incluindo orquídeas, bromélias e espécies medicinais. Nesse sentido, ele representava uma autoridade científica capaz de validar descobertas e novos registros, bem como de difundir esse conhecimento nos meios acadêmicos e científicos.

Assim, o envio de uma amostra da orquídea por Júlio Sodré a Frederico Carlos Hoehne revela a consciência de que a identificação da espécie necessitava de um interlocutor qualificado e reconhecido no meio botânico. Hoehne, como especialista em orquídeas e figura de prestígio nacional, tinha a legitimidade necessária para avaliar e atestar a importância científica da planta. No entanto, apesar de Hoehne ter declarado que

a orquídea enviada por Júlio se tratava de uma nova espécie, ele nunca chegou a publicá-la oficialmente.

Além disso, Gilberto Muylaert Tinoco documentou em seu acervo que também levou uma mostra da planta a reunião da “Sociedade Fluminense de Orchideas” da qual ele fazia parte. Na ocasião, a orquídea estava florida e na reunião estavam presentes os mais importantes estudiosos de orquidologia, entre esses: Frederick C. Hoehne, Dr. Curt Brade e Guido Pasbt.

Esta apresentação do exemplar em uma reunião da Sociedade Fluminense de Orquídeas revela que a circulação da planta ocorreu em espaços de sociabilidade científica que reuniam botânicos, cultivadores e estudiosos da flora brasileira. Estes espaços desempenharam papel relevante na difusão do conhecimento botânico ao longo do século XX (Duarte, 2009), funcionando como ambientes de intercâmbio de informações e espécies.

Durante a apresentação da orquídea, na reunião da “Sociedade Fluminense de Orchideas”, Gilberto percebeu certa desvalorização com a planta e temendo perdê-la uma vez que o clima onde estava era bem diferente de onde a planta havia sido coletada decidiu fazer um desenho da orquídea que ele recebeu de Júlio Sodré.

Foto 8 - Fotografia digital do desenho aquarelado feito por Gilberto Muylaert Tinoco



Fonte: Acervo cedido pela família de Gilberto Muylaert Tinoco.

Dado o exposto, vale ressaltar que, nas primeiras décadas do século XX, os estudos botânicos no Brasil passaram por um processo de expansão e institucionalização, marcado pela atuação de pesquisadores vinculados a museus, jardins botânicos e institutos científicos, bem como pela participação ativa de colecionadores, naturalistas

amadores e cultivadores de plantas. Esse período foi caracterizado pela intensificação das pesquisas sobre a flora brasileira, impulsionadas pelo interesse em conhecer e catalogar a biodiversidade nacional (Duarte, 2009).

Além disso, conforme observa Duarte (2009), nesse período a biologia e a botânica passaram a ocupar lugar nos projetos de construção nacional, sendo mobilizadas tanto na produção científica quanto na valorização da natureza brasileira como patrimônio.

Esse movimento de valorização científica da natureza brasileira também se refletiu nas políticas institucionais do período. Durante as décadas de 1930 e 1940, o Estado brasileiro passou a estabelecer mecanismos de regulamentação das pesquisas e das expedições científicas realizadas no território nacional. Conforme analisa Casazza (2022), a criação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil expressava a crescente preocupação do governo com o controle da circulação de espécies naturais e com a proteção do patrimônio natural brasileiro.

Nesse contexto, iniciativas individuais de coleta e observação da flora, como as realizadas por Júlio Sodré em suas excursões pelas matas de São Fidélis, se inserem em um momento histórico marcado pela ampliação do interesse científico e institucional pela biodiversidade do país.

A produção do conhecimento biológico no Brasil nesse período envolvia uma complexa rede de circulação de informações, espécies e correspondências entre diferentes sujeitos sociais, incluindo cientistas, colecionadores e observadores da natureza. Muitos desses sujeitos, mesmo não estando formalmente vinculados a instituições científicas, contribuíam significativamente para a coleta e documentação de espécies vegetais, encaminhando exemplares para especialistas responsáveis pela identificação e descrição taxonômica.

Assim, a relação estabelecida entre Júlio Sodré e diferentes especialistas da botânica brasileira evidencia a existência destas redes informais de circulação de conhecimento e de espécies botânicas. Embora não possuísse formação acadêmica em botânica, sua atuação como cultivador e observador atento da natureza o aproximava de práticas comuns entre orquidófilos da época, que mantinham coleções particulares, realizavam expedições de coleta e estabeleciam contato com especialistas.

O envio de amostras da orquídea a especialistas como Frederico Carlos Hoehne e a circulação do exemplar em espaços de sociabilidade científica, como reuniões de

orquidófilos, indicam que sua atuação se inscreve em uma dinâmica mais ampla de produção e validação do conhecimento botânico no Brasil.

Contudo, apesar de todo o empenho, Júlio Sodré faleceu sem ver o seu feito registrado oficialmente. Seu falecimento aconteceu apenas um ano após o encontro com a orquídea, no ano de 1941.

Helinho Sodré: Aí logo depois dessa descoberta ele morreu, sem deixar a localização.

Patrícia Sodré: vovô encontrou a orquídea e logo depois ele morreu. Isso eu descobri após a morte de tio Bê, mexendo nas coisas dele, encontrei os registros de vovô.

A revista *Orchidea* (1941, p.66), parte integrante da história da orquidofilia e orquidologia no Brasil, sendo referência na divulgação de pesquisas e registros relacionados às orquídeas, publicou uma nota sobre a morte de Júlio Sodré.

Foto 9 - Registro do falecimento de Júlio Sodré na Revista *Orchidea*



Fonte: Acervo cedido pela família de Júlio Lacourt Sodré.

O fato de a revista ter dedicado espaço para lamentar o falecimento de Júlio Sodré constitui um indicativo de seu reconhecimento no campo científico e cultural, evidenciando a projeção alcançada por sua atuação. A menção em um periódico de tal prestígio atesta que sua contribuição à botânica era percebida e valorizada por seus contemporâneos, inserindo-o no círculo de personalidades de destaque da área¹.

¹Analisando o texto do anúncio da morte de Júlio Sodré pode-se notar que é feita menção a outro possível achado de Júlio, identificado como *Laelia Sodreensis*. Sobre este achado esta pesquisa não encontrou nenhum outro registro oficial. Além da Revista *Orquídea* somente viu-se citada a *Sodreensis* na poesia de Maria Emília. Sendo assim, fica em aberto esse aspecto das incursões de Júlio.

A trajetória de Júlio Sodré também deve ser compreendida no contexto mais amplo da consolidação dos estudos científicos no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Nesse período, a produção do conhecimento biológico esteve associada não apenas às instituições científicas, mas também a uma rede de observação, coleta e circulação de espécies naturais. Como destaca Duarte (2010), a construção desse campo científico foi marcada pela articulação entre a ciência institucionalizada e práticas de observação da natureza realizadas por sujeitos inseridos em diferentes contextos sociais. Nesse processo, era frequente a coleta e o envio de espécies entre cientistas e colaboradores não vinculados diretamente às instituições acadêmicas, os quais desempenhavam papel relevante no cultivo, preservação e encaminhamento de exemplares para especialistas responsáveis por sua descrição científica.

A partida de Júlio representou uma ruptura profunda na dinâmica cotidiana da casa e no equilíbrio emocional da família. Júlio era uma figura central da casa e sua ausência deixou um vazio difícil de ser preenchido, tanto nos afetos quanto nos hábitos, e provocou um processo doloroso de reestruturação. Os netos narram que a avó precisou se desfazer do acervo botânico de Júlio Sodré.

Eleonor Sodré: Vovó vendeu as orquídeas de vovô para o governador do Estado. Foi isso que tirou a família da fome.

Helinho Sodré: Quando ele morreu a minha avó doou a coleção dele todinha, tio Bê e tio Hélio, ficaram com algumas coisas, mas a maior parte da coleção do meu avô foi doada para o Estado. Ficou lá no... Parque... Horto de Niterói, ficou muitos anos lá, essa coleção, depois quando foi criado o Parque do Desengano aqui em Madalena, eles mandaram para cá essa coleção, mas só que a coleção já se perdeu lá em Madalena.

Ainda que não exista um consenso na família sobre, se a coleção de Júlio foi doada ou vendida ao Estado, o mais relevante nesse caso é compreender que, apesar do profundo apreço de Maria Emília, pelas orquídeas, ela não teve, por diferentes razões, condições de manter o cuidado com a coleção e então se preocupou com que as plantas permanecessem sob a guarda de uma instituição pública, que pudesse garantir sua preservação e continuidade. Essa intenção, no entanto, não se concretizou e o acervo botânico de Júlio acabou se perdendo. Na sede do Parque Estadual do Desengano, em Santa Maria Madalena, não existem vestígios da antiga coleção. Essa história revela não

apenas a perda de um acervo botânico valioso, mas também os limites enfrentados por uma família ao tentar transformar memória e afeto em patrimônio institucionalizado.

Helinho Sodré afirma que dois de seus tios ficaram com parte do acervo botânico de Júlio Sodré:

Helinho Sodré: Algumas coisas ficaram com tio Bê e tio Hélio.

O Jornal “O Fluminense” noticiou em 09 de setembro de 1977 que desde a morte de Júlio Sodré, dois de seus filhos, Hélio Sodré e Bernardino Sodré, passaram a cultivar a *orquídea encontrada pelo pai*, mantendo viva a tradição familiar e assegurando a preservação desta espécie rara.

A *orquídea* só foi oficialmente registrada em 1967, quando o botânico Guido Pabst publicou sua descrição como sendo uma nova espécie e sob o nome de *Laelia fidelensis*, na mesma *Orchidea* (Rio de Janeiro), volume 29, fascículo 1, p. 11. Embora a família não disponha do exemplar específico da edição em que essa publicação se encontra, conserva parte significativa da coleção da revista *Orchidea*, reunida por Júlio Sodré entre os anos de 1938 e 1941. Esse acervo revela o interesse contínuo de Júlio pela literatura botânica especializada e reforça seu engajamento com o meio científico da época.

Foto 10 - Edições da Revista Orchidea

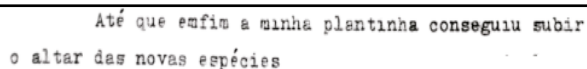


Fonte: Acervo cedido pela família de Júlio Lacourt Sodré.

Mesmo que Júlio Sodré não tenha vivido esse momento, a formalização da espécie por Guido Pabst representa o primeiro reconhecimento científico da *Laelia fidelensis* e marca um ponto decisivo na história botânica local. A partir dessa publicação, a *Laelia fidelensis* passa a contar, de forma oficial, com um patrimônio natural, registrado na

literatura botânica/científica. Muylaert deixa registrado seu contentamento por este reconhecimento:

Foto 11 - Escritos de Gilberto Muylaert Tinoco



Até que enfim a minha plantinha conseguiu subir
o altar das novas espécies

Fonte: Acervo cedido pela família de Gilberto Muylaert Tinoco.

Esse reconhecimento vai além do âmbito técnico e assume uma dimensão simbólica, pois vincula a identidade do território a uma espécie endêmica. A trajetória de Júlio Sodré, seu olhar sensível para a natureza e o empenho em registrar e preservar o que encontrou constituem um legado familiar e o reconhecimento da *Laelia fidelensis* como espécie válida, consolida esse legado, transformando-o em referência de valor ecológico, histórico e cultural para o município.

No ano de 1977, o escritor J.A. Fowlie, da revista norte americana “*The Orchid Digest*”, publicou uma matéria dedicada ao reconhecimento da *Laelia Fidelensis*. Afirmando:

Dr. Julio Sodré, morador da pequena vila de São Fidélis, às margens do rio Paraíba, no que hoje é o estado do Rio de Janeiro, fez uma descoberta surpreendente perto de sua casa. Supostamente subindo a Serra de São Fidélis, uma cadeia de montanhas que se estende aproximadamente ao oeste e sul de São Fidélis, ele descobriu uma planta que vegetativamente parecia uma espécie de *Laelia* da seção *Cattleyodes*, mas que tinha porte muito pequeno, como uma *Hadrolaelia*. A princípio, Julio pensou que poderia ser um híbrido natural, e várias espécies de *Laelia* foram apontadas como possíveis “parentes”, mas finalmente a planta floresceu de maneira bastante espetacular, bastante diferente de qualquer outra orquídea silvestre ou híbrido natural que ele já tivesse encontrado naquela região. Flores foram enviadas ao especialista brasileiro em orquídeas da época, F. C. Hoehne, que declarou tratar-se de uma nova espécie. No entanto, Hoehne nunca chegou a publicar oficialmente a planta. Hoehne faleceu e o Dr. Julio Sodré levou consigo para o túmulo seu segredo bem guardado quanto ao local de origem da planta. Guido Pabst finalmente publicou a planta como *Laelia fidelensis* Pabst, com base em um espécime vivo trazido até ele com flor por Lucílio Leite, de Niterói, durante o Congresso Botânico no Rio em 1966. [...] Ela foi finalmente publicada na revista *Orquídeas*, vol. XXIX, nº 1, p. 11, fig. B de Tab. VI, 1967. Posteriormente, um espécime de herbário foi encontrado no Jardim Botânico do Rio (Fowlie, 1977, p. 147 - tradução própria).

Edinéa Maria Poubel Sodré, nora de Júlio Sodré, relatou em entrevista que o recebimento da revista norte-americana por Hélio Sodré, seu esposo, e Bernardino Sodré,

seu cunhado, ambos filhos de Júlio, foi um momento de grande emoção para a família, uma vez que representava o reconhecimento internacional do feito realizado.

Edinéa Sodré: Quando essa revista chegou aqui em casa, gente, foi uma coisa maravilhosa! Depois Hélio passou a se corresponder com o editor da revista.

A revista integra o acervo mantido pela família Sodré, sendo preservada como um importante registro histórico do reconhecimento institucional da contribuição de Júlio Sodré. A matéria sobre a orquídea fidelense e Júlio Sodré ocupou três páginas nesta edição.

Foto 12 - Revista com a publicação sobre Júlio Sodré e a orquídea fidelense



Fonte: Acervo cedido pela família de Júlio Lacourt Sodré.

Posteriormente, em 2002, a *Laelia fidelensis* foi reclassificada para o gênero *Hadrolaelia*. A revista “O Mundo das Orquídeas”, número 27, publicada em 2003 trouxe a então *Hadrolaelia fidelensis* como matéria principal da revista, revelando a explicação botânica para essa mudança.

Foto 13 - Revista mundo das orquídeas



Fonte: acervo cedido pela família de Júlio Lacourt Sodré

Em 2008, a orquídea foi novamente reclassificada para o gênero *Cattleya*, conforme estudos filogenéticos coordenados por Cássio Van Den Berg. Segundo Van Den Berg (2025), em seu currículo *Lattes*, o pesquisador atua como coordenador do Laboratório de Sistemática Molecular de Plantas, da Universidade Estadual de Feira de Santana, com vasta experiência na área de Botânica e Genética Vegetal.

Estudo conduzido por Fraga *et al.* (2008) evidencia a importância do material coletado por Júlio Sodré para a conservação e propagação da *Cattleya fidelensis*. Segundo os autores, “todas as plantas cultivadas derivam da mesma matriz, coletada por Júlio Sodré, ou foram propagadas artificialmente” (p. 22), o que indica que não há registros de populações naturais remanescentes ou outras coletas posteriores dessa orquídea. Este estudo reforça o valor científico e histórico da amostra original, considerada o único ponto de origem conhecido para as linhagens atualmente existentes em cultivo.

A trajetória da *Cattleya fidelensis*, desde sua coleta por Júlio Sodré até sua descrição científica e reclassificação filogenética, representa um caso exemplar da articulação entre saberes locais e conhecimento científico institucionalizado. A documentação realizada por Júlio, suas incursões pelas matas fidelenses e a busca ativa por validação especializada evidenciam não apenas sua paixão pela natureza, mas também como agente fundamental na consolidação de um conhecimento territorializado.

Assim, além do importante achado botânico, a descoberta tornou-se um marco afetivo e simbólico. O episódio vai além do campo da ciência ao incorporar dimensões da memória familiar e do pertencimento ao território. A emoção relatada por descendentes evidencia o orgulho em torno desse feito e demonstra como o saber local pode, por meio do esforço individual, alcançar reconhecimento institucional. Trata-se, portanto, de uma história que conecta o conhecimento empírico à ciência formal, mediada por trajetórias familiares e afetivas.

Nesse processo, a memória familiar assume papel fundamental na conservação e transmissão de saberes, experiências e significados atribuídos ao encontro com a *Cattleya fidelensis*, constituindo-se como elo entre a vivência individual e a construção de uma identidade coletiva vinculada ao patrimônio natural e cultural de São Fidélis.

Bosi (2006) ressalta que as memórias individuais e familiares oferecem contribuições valiosas à compreensão do passado, sobretudo por revelarem dimensões subjetivas e afetivas que muitas vezes escapam à história oficial. Como afirma a autora, “a história que se apoia unicamente em documentos oficiais não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (p. 15).

Nesse sentido, ainda segundo a autora, essas narrativas cumprem um papel essencial como mediadoras simbólicas entre as gerações, permitindo que experiências do passado sejam ressignificadas no presente. Funcionam, assim, como um intermediário informal da cultura, transmitindo valores, visões de mundo e identidades que não estão necessariamente inscritos nos documentos formais, mas que são centrais na construção do pertencimento e da continuidade histórica entre indivíduos, famílias e comunidades.

O saber repassado por meio de relatos, lembranças e práticas herdadas, constitui uma forma legítima de preservação da história local. A família Sodré, ao manter viva a lembrança de Júlio e conservar documentos, fotografias, age como guardiã de uma herança. A transmissão intergeracional dessa sensibilidade em relação à natureza revela o poder das narrativas familiares na construção e manutenção de identidades.

Além do acervo preservado e das memórias, o gosto pelo cultivo de orquídeas, permanece vivo na família, sendo partilhado por filhos, netos e demais descendentes. Sobre isso, atestam:

Leonor: eu, tio Bê, a família, umas adoram, é de família. A gente adora orquídea.

Helinho Sodré: eu tenho assim, uma coleção enorme. Eu tenho cinco ou seis mudas de “Laelia Fidelensis” e várias outras, uma coleção enorme. Eu não tenho mais onde colocar orquídeas. Várias pessoas na família. Nonô gosta muito, esse primo lá de Macuco, Marquinhos. Mônica gosta, Geórgia.

Patrícia Sodré: É de família. Todos nós gostamos muito de orquídea.

Esse vínculo afetivo com as plantas não se restringe ao cultivo, mas expressa uma forma de respeito e encantamento pela natureza, que atravessa gerações. As orquídeas carregam memórias, histórias e ensinamentos que fazem parte da identidade familiar:

Leonor Sodré: Eu viajo muito primeira coisa que eu faço quando chego em um lugar é procurar uma florália, outro dia lá em Niterói eu estava com uma saia linda de orquídeas, o rapaz me perguntou se eu gostava se orquídeas, respondi, mas é claro eu sou neta de Júlio Sodré. Ele repondeu, ah o dr. Júlio Sodré, eu conheço o dr. Júlio Sodré. Meu avô nem era doutor coisa nenhuma (risos).

Helinho Sodré: Olha eu lembro, vovó Nhanhá morava lá em Niterói nessa época, eu tinha mais ou menos uns 9 ou 8 anos de idade, aí tinha umas feiras ali nas barcas, aí eles me levavam, eu lembro que juntava, eu, tio Hélio, mamãe todo mundo, aí eu passei numa barraca, tinha uma orquídea Alba, albina, era uma Cattleya. Eu falei, eu quero, eu quero e comecei a chorar e gritar. [...] Hoje as albinas são as minhas preferidas, eu tenho várias.

A partir de relatos como esses, é possível afirmar que as orquídeas se tornaram elementos profundamente apreciados no seio da família, elas carregam lembranças, afetos e significados simbólicos que se entrelaçam com as experiências vividas, constituindo-se como um patrimônio afetivo herdado e cultivado ao longo do tempo. A *Cattleya fidelensis* tornou-se símbolo de um legado afetivo e cultural transmitido dentro da família e posteriormente apropriado pela cidade como parte de sua identidade. A flor, ao carregar o nome da cidade e estar vinculada à figura de Júlio, representa não apenas uma descoberta científica, mas uma herança simbólica que atravessa gerações.

À luz das contribuições de Bosi (2003), podemos afirmar que essa memória familiar ultrapassa a mera evocação de fatos: ela é um campo ativo de significados, onde o conhecimento sobre Júlio Sodré e a *Cattleya fidelensis* é continuamente recontado, reinterpretado e apropriado pelas novas gerações. Esse processo fortalece os laços afetivos com o passado, organiza a história familiar e local em torno de símbolos significativos, e cultiva um profundo sentimento de pertencimento, tanto dentro do núcleo familiar quanto na coletividade fidelense.

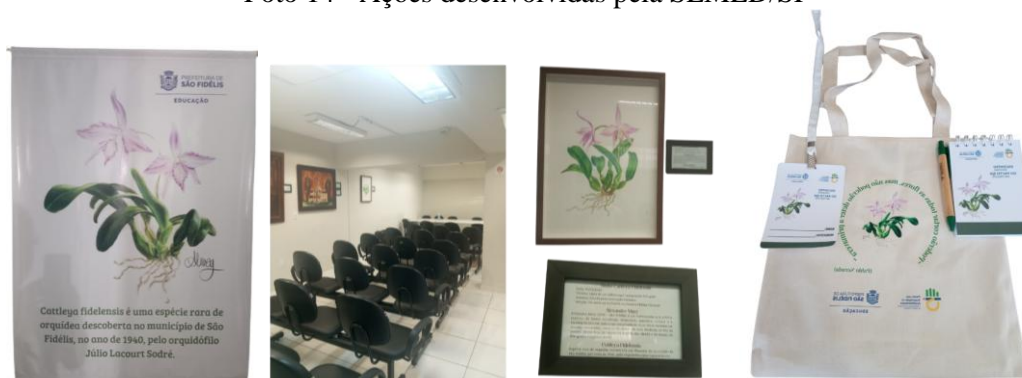
Iniciativas no sentido de proteção a memória e conservação da orquídea têm sido realizadas no município de São Fidélis. Especialmente neste ano de 2025, tem ganhado destaque o trabalho do multiartista fidelense Alexandre Mury, que, contribui para reativar a memória afetiva e a valorização da *Cattleya fidelensis* por meio da arte, aproximando a população de sua herança simbólica e botânica. Mury desenvolveu uma página no instagram destinada à divulgação da *Cattleya fidelensis*, com publicações sobre história, cultivo e arte envolvendo a orquídea.

Para comemorar os 85 anos do encontro da orquídea fidelense a Secretaria Municipal de Educação de São Fidélis (SEMED/SF) vem promovendo ações pedagógicas voltadas à conscientização ambiental e ao reconhecimento do valor histórico da orquídea.

Na sede da secretaria encontra-se um banner em homenagem à *Cattleya fidelensis*, exaltando sua importância como símbolo da biodiversidade local e patrimônio cultural de São Fidélis. Além disso, a SEMED/SF inaugurou na data de 02 de abril de 2025 um

auditório destinado a encontros pedagógicos, este espaço conta com um quadro da *Cattleya fidelensis* assinado pelo multiartista Alexandre Mury. Somada a essas ações, na data de 25 de junho de 2025 a SEMED/SF foi responsável por promover o II Encontro Regional da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e para estética do evento escolheu a *Cattleya fidelensis*.

Foto 14 - Ações desenvolvidas pela SEMED/SF



Fonte: Autoria própria.

Juntas, essas práticas reforçam que a defesa da *Cattleya fidelensis* é, ao mesmo tempo, uma expressão de cidadania, de memória coletiva e de engajamento com a cultura viva de São Fidélis. A mobilização de diferentes sujeitos como artistas, educadores, gestores públicos e cultivadores mostra que a conservação da espécie se constrói de forma coletiva e participativa, sendo sustentada não apenas por técnicas de reprodução botânica, mas também por narrativas, práticas educativas, expressões artísticas e vínculos afetivos.

Ao contextualizar esse bem como parte do legado do município de São Fidélis, a comunidade local não apenas protege uma orquídea, mas afirma sua própria identidade e sua visão de mundo, numa prática que une cuidado ambiental, engajamento social e luta por reconhecimento histórico.

Conforme argumenta Grand Junior (2017), território não é só uma delimitação geográfica, mas envolve dimensões simbólicas, culturais e afetivas que estruturam o modo como indivíduos e coletividades se relacionam com o espaço que habitam. Ao analisar aspectos do desenvolvimento territorial na cidade do Rio de Janeiro, Grand Junior evidencia que os processos de desenvolvimento regional estão profundamente vinculados às formas pelas quais os territórios constroem e mobilizam suas referências simbólicas e patrimoniais. Para o autor, a valorização de elementos naturais, culturais e históricos desempenha papel estratégico na constituição de identidades territoriais e na promoção de dinâmicas de reconhecimento social e cultural.

Nesse sentido, a história da *Cattleya fidelensis* revela como um elemento da biodiversidade regional pode ultrapassar sua dimensão estritamente botânica e assumir papel central na construção de narrativas identitárias. Ao estar associada à trajetória de Júlio Sodré e ao território de São Fidélis, a orquídea passa a integrar um conjunto de referências simbólicas que contribuem para a valorização do patrimônio ambiental e cultural do Norte Fluminense.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de Júlio Sodré e a descoberta da *Cattleya fidelensis* revelam a potência da articulação entre saberes, ao mesmo tempo em que evidenciam a importância da memória familiar na preservação e valorização do patrimônio natural e cultural. A partir da metodologia da história oral e da análise de fontes primárias, foi possível compreender como a experiência individual e afetiva de Júlio com o ambiente que o cercava resultou na identificação de uma espécie botânica rara, cuja importância extrapola os limites da botânica para se inserir no campo da identidade local e da memória coletiva.

Além disso, o desfecho da coleção botânica de Júlio Sodré, que infelizmente se perdeu após ser confiada a instituições públicas, reforça uma conclusão metodológica decisiva para este estudo, estabelecendo o acervo pessoal e a memória familiar como repositórios eficazes da história. Assim, a história oral e a análise de documentos, como: cartas e fotografias não se limitam a complementar a história oficial; elas se tornam a uma via capaz de resgatar o conhecimento, conferindo ao saber empírico de Júlio Sodré o devido reconhecimento e garantindo à *Cattleya fidelensis* seu lugar na narrativa de identidade e pertencimento de São Fidélis.

A *Cattleya fidelensis* é expressão de um conhecimento que brota do cotidiano, da escuta atenta da natureza e da transmissão intergeracional de histórias. A valorização desse legado exige o fortalecimento de ações voltadas à preservação da biodiversidade, da memória social e da cultura local. Nesse sentido, iniciativas como as promovidas por artistas, educadores e gestores municipais, ao tomarem a orquídea como símbolo de identidade e resistência, reafirma seu papel como patrimônio vivo da cidade de São Fidélis.

Há que se destacar, no entanto, que, apesar da importância da descoberta realizada por Júlio Sodré, algumas lacunas permanecem e nos suscitam mais perguntas do que

respostas. Entre elas, destacam-se: Por que, apesar do zelo com a documentação e com o registro de seu acervo, não encontramos referências detalhadas à *Cattleya fidelensis* nas fontes consultadas? Qual seria o local exato em que a espécie foi encontrada? Júlio teria optado por não revelar a localização do achado, como forma de proteger a espécie da exploração ou teria ele falecido antes de compartilhar essa informação de forma sistematizada?

Essas perguntas, longe de diminuir o encanto da relação histórico-social entre homem e planta, ampliam o campo interpretativo e ressaltam a complexidade do processo de construção da memória. As lacunas identificadas nesta pesquisa decorrem da natureza fragmentária das fontes disponíveis. Os registros orais, ainda que ricos em significados, apresentam limitações quanto à precisão factual, estando sujeitos a esquecimentos, silêncios intencionais e ressignificações ao longo do tempo. Da mesma forma, a ausência de documentação oficial sistematizada sobre a *Cattleya fidelensis* compromete a possibilidade de estabelecer respostas conclusivas.

Tais limitações, contudo, não reduzem o valor histórico e cultural da investigação; pelo contrário, evidenciam a relevância de integrar diferentes camadas de memória: oral, documental e simbólica, na construção de narrativas históricas mais plurais e sensíveis às práticas locais de preservação.

Vale destacar que, ao discutirmos a ideia de que a identidade da orquídea como patrimônio local é inseparável da história pessoal de Júlio Sodré, percebemos que tanto a planta quanto seu admirador e descobridor podem ser pensados de forma intrínseca. Dessa maneira, em nossa perspectiva, sujeito e planta são indissociáveis na análise de um patrimônio que, de natural, transmuta-se em cultural, conferindo à comunidade elementos de reconhecimento de memória, pertencimento e identidade.

Por fim, é importante afirmar ainda que no contexto do estado do Rio de Janeiro, especialmente na região Norte Fluminense, iniciativas voltadas à valorização do patrimônio natural e cultural assumem, no contexto histórico do século XX, papel estratégico na construção de identidades territoriais e na promoção do desenvolvimento regional.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

- BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens.** Petrópolis: Vozes, 2010.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CASAZZA, Ingrid Fonseca. O Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil e a proteção do patrimônio natural brasileiro (1930-1940). **Revista História**, São Paulo, v.41, e2022022, p. 01-22, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/wkC6LG4jgXPq4y8QkrvRNXj/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 05 de março de 2026.
- DUARTE, Regina Horta. Biologia, natureza e República no Brasil nos escritos de Mello Leitão (1922-1945). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 29, nº 58, p. 317-340, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/PSvqzGj98MxLcfzXSpTcwQQ/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 05 de março de 2026.
- FLOWLIE, J.A. In Brazil: Search of the Missing *Laelia fidelensis*. **Orchid Digest**, La Canãda, v. 41, n. 4, p. 147-149. 1977.
- FRAGA, C.N. BORGES, R.A.X. e FONTANA, A.P. Notes on *cattleya lindl.* (orchidaceae) from brazil. **Neodiversity**, Bahia, nº3, p. 21-24. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Claudio-Nicoletti-De-Fraga/publication/305285759_Notes_on_Cattleya_Lindl_Orchidaceae_from_Brazil/link/s/578d219d08ae254b1de8712a/Notes-on-Cattleya-Lindl-Orchidaceae-from-Brazil.pdf?_sg%5B0%5D=started_experiment_milestone&origin=journalDetail . Acesso em 10 de julho de 2025.
- GRAND JUNIOR, João. **Cultura, criatividade e desenvolvimento territorial na cidade do Rio de Janeiro: o caso da Rede Carioca de Rodas de Samba.** 2017. 191f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em <http://objdig.ufrj.br/16/teses/856527.pdf> . Acesso em: 05 de março de 2026.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2011.
- SILVA, Valéria Mara da. **Educando homens para educar plantas: orquidofilia e ciência no Brasil.** 2013. 215 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9EFMAZ/1/historia_valeriamarasilva_tese.pdf . Acesso em: 16 de julho de 2025.
- VAN DEN BERG, Cássio. **Currículo Lattes.** Atualizado em 01 de setembro de 2025. Disponível em: lattes.cnpq.br/2129963760543898. Acesso em 16 de julho de 2025.
- ZONABEND, Françoise. A memória familiar do individual ao colectivo. **Revista Sociologia problemas e práticas**, Espanha nº9, p.179-191. 1991. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1240/1/14.pdf> . Acesso em 07 de maio de 2025.

Entrevistas

BOUSQUET, Helena Tinoco Dias. Entrevista concedida em 05/08/2025.

DIAS, Leonor Sodré. Entrevista concedida em 09/07/2025.

SODRÉ, Edinea Maria Poubel Sodré. Entrevista concedida em 09/07/2025.

SODRÉ, Patrícia Poubel Sodré. Entrevista concedida em 08/07/2025.

NASCIMENTO, Hélio Sodré. Entrevista concedida em 24/07/2025.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, bem como no que se refere ao uso de imagens.